



# O que está fora do conforto

**What is left out of comfort**

## **Leandra Holz <sup>1</sup>**

leandrahholz81@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9848-0003>

<http://lattes.cnpq.br/9263932861837948>

## **Felipe Vander Velden <sup>2</sup>**

felipevelden@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-5684-1250>

<http://lattes.cnpq.br/7289231173735671>

1 - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social — Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

2 - Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social — Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

**Resumo:** Este ensaio deseja evidenciar o contraste entre duas formas de conforto oferecidas às vacas leiteiras entre produtores de leite cooperados na região de São Lourenço do Sul/RS. Um é o conforto garantido por modalidades modernizadoras de confinamento cada vez mais incentivadas pela cooperativa em questão em nome do aumento da produtividade dos animais, e que implica em uma modalidade de isolamento. Outro é o conforto como zelo pelas vacas criadas soltas em uma paisagem multiespecífica muito mais rica e sintonizada com os sons, cores, cheiros e texturas do mundo.

**Palavras-chave:** conforto; vacas; confinamento; paisagem multiespecífica.

**Abstract:** *This essay aims to highlight the contrast between two forms of comfort offered to dairy cows by cooperative milk producers in the region of São Lourenço do Sul/RS. One is the comfort guaranteed by modernizing confinement structures increasingly encouraged by the cooperative in question in the name of boosting the productivity of the animals, and which implies a modality of isolation. Another is comfort as care for the cows raised loose in a multispecific landscape that is much richer and in tune with the sounds, colors, smells and textures of the world.*

**Keywords:** *comfort; cows; confinement; multispecies landscape.*

O discurso cada vez mais agressivo em favor da modernização das práticas da criação animal propagados pelo agronegócio brasileiro tem focalizado, entre outras diretrizes, na oferta de um maior conforto aos animais de criação, explorados para os mais diversos fins: os animais ficam à sombra, com gigantescos ventiladores sobre eles, sistemas de umidificação de ambientes, camas de areia, feno, palha, pó de serra e até mesmo colchões de borracha em que podem ficar deitados pelo tempo que quiserem, não precisando buscar pelo alimento pois recebem uma dieta nutricional balanceada e água de poço artesianos, sem contar que estão sempre, diz-se, limpos e saudáveis.

Produtores de leite, criadores de vacas leiteiras, têm igualmente louvado os benefícios do confinamento. Primeiro, o conforto dos animais: “as vacas estão muito mais confortáveis estando confinadas. Antes, podiam circular pelos campos, poteiros e pastagens, mas, por outro lado, ficavam sujeitas às temperaturas altas do verão, aos longos períodos de chuva do inverno, ao deslocamento até o pasto e até mesmo suscetíveis à doenças transmitidas por outros animais, principalmente por meio dos açudes, que são os principais reservatórios de água quando o gado vive solto” — disse, em janeiro de 2023, um produtor de leite cujo investimento nas novas instalações já alcançam o montante de 1 milhão de reais. Ato contínuo, ele acrescenta que só por ter alocado suas vacas no galpão de confinamento, teve um aumento imediato na produção de cinco litros de leite por vaca, uma vez que o objetivo do conforto, ao fim e ao cabo, é a produtividade, sempre.

Sendo o trabalho um valor central para essas famílias pomeranas, mostrar-se bem-sucedido perante a comunidade parece ser motivo de honra e prestígio. A vida difícil de antigamente, memória ainda viva para essa comunidade, somada a certa ética do trabalho presente nos princípios luteranos de “continue fazendo aquilo que é apto a fazer”, forma um modo de vida em que ganhar dinheiro é bastante valorizado. E mostrar isso por meio de belos jardins, casas bem-acabadas, estruturas produtivas modernas e eficazes economicamente, se não é um objetivo a ser alcançado, a cooperativa e outras empresas valem-se disso para fazer circular ideias de sucesso e conforto típicas de um discurso que busca eliminar o “atraso”, o “tradicional”, o “amadorismo”, a produção em pequena escala. E, com isso, garantir um maior lucro, tornar-se um “caso de sucesso” a ser replicado, o que inclui também as vacas, que devem ser “boas, bonitas e rentáveis”.

Para além do já conhecido debate entre bem-estaristas e abolicionistas em torno da causa animal (Perrota, 2015), trata-se, afinal, de refletir sobre esta categoria do conforto, à luz do que pensam os defensores do confinamento (suposta ou alegadamente) confortável e, por outro lado, das múltiplas formas de convívio entre humanos, animais e outros seres outros-que-humanos em paisagens multiespecíficas. Convivência cuja negociação é um constante e permanente desafio regido por regras muito distintas daquelas escritas nos manuais de operação do maquinário moderno ou nos protocolos cada vez mais complexos do assim chamado bem-estar animal.

Muitas famílias pomeranas no município gaúcho de São Lourenço do Sul, organizadas por meio da Coopar — Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul Ltda., estão vivendo este dilema hoje. Pressionadas por normativas técnicas emanadas do governo federal, pelos celebrados ganhos de produtividade e por uma lógica que, de certo modo, contraria o cooperativismo e o aproxima cada vez mais da grande empresa agroindustrial (Holz, 2022), elas vêm sendo sutilmente incentivadas a confinar seus animais para produzirem mais leite. Desde 2018, contudo, a Coopar perdeu 300 famílias produtoras de leite que, segundo os parâmetros do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), não se “enquadravam mais” na atividade, seja pela baixa produção ou por não conseguirem acompanhar os altos custos em novas instalações e maquinários exigidos pelas normativas.

Mas será o trabalho produtivo, hoje em dia, fruto apenas da sua medição em termos de produtividade — ou seja, sua contínua escalabilidade? Muitas dessas famílias não querem ou não planejam confinar seus animais. Talvez porque vejam o conforto merecido pelos animais não como uma cama mais macia, ventiladores ou umidificadores, mas no contato com a terra e a grama, no fruir da luz do sol, no convívio multiespecífico de uma pequena propriedade rural. Em um desses dias quentes do verão gaúcho, em uma propriedade familiar na região, um produtor de leite explicava o mais recente investimento em um sistema de confinamento das suas vacas leiteiras. Aquele projeto industrial com uma grande estrutura de concreto, ferro e zinco, parecia não fazer parte daquela paisagem. Mesmo assim, ali mesmo algumas vacas que não estavam em lactação se refrescavam contentes em um açude, todas juntas, desfrutando da companhia uma da outra. Vendo aquela imagem, o produtor explicou: “É isso, Leandra. Olha o que essas vacas estão fazendo” — disse, em tom de reprovação. “Esse açude pode ser um grande transmissor de doenças, já que as vacas, por estarem relaxadas, defecam na água ao mesmo tempo em que a bebem. Sem contar as doenças transmitidas por outros animais por meio dessa água. Confinadas, recebem água limpa, comida adequada para sua genética, não ficam expostas à contaminações, nem sujas por uma mistura de lama com seus dejetos. Também não precisam estar debaixo desse sol ardente”. O contraste com a área coberta do confinamento, com seus grandes ventiladores e a cama fofinha de serragem de pinus e casca de arroz, era evidente.

Parece pois, haver um contraste entre duas formas de pensar o conforto animal e os cuidados com eles. Uma é o conforto garantido por modalidades modernizadoras de confinamento cada vez mais incentivadas pela cooperativa em nome do aumento do controle da higiene, da saúde e, claro, da produtividade dos animais. Outro é o conforto das vacas ou cuidado como “zelo”, como se diz por lá, pelos animais criados soltos em uma paisagem multiespecífica muito mais rica e sintonizada com os sons, cores, cheiros e texturas do mundo. As inter-relações entre esses dois modos de convívio humano-animal ainda estão por ser compreendidas, uma vez que, do ponto de vista dos produtores de leite cooperados, talvez não se oponham de modo tão claro. Como mostram várias etno-

grafias, “cuidado” e “controle” parecem combinar-se de formas complexas no contínuo que vai da pequena criação familiar ao grande negócio da produção industrial de animais (Singleton, 2010).

Fanaro (2021) argumentou que toda reflexão sobre formas de confinamento deve necessariamente interrogar não só o que é posto (muitas vezes forçadamente) para dentro, mas igualmente o que fica de/para fora de arquiteturas, estruturas ou relações de contenção. Este ensaio olha para este estar fora do confinamento, ainda que este modo de controle ainda figure tão somente nas ideias, desejos ou projetos de muitas das famílias de cooperados pomeranos no sul do Rio Grande do Sul. Famílias que, de certo modo, atendem ao chamado de Jocelyne Porcher (2014) pela celebração do convívio multiespécies nas pequenas propriedades rurais. Nada de bucolismo. Apenas o reconhecimento da riqueza da vida compartilhada com os animais outros-que-humanos: no cuidado diário que empreende, no olhar atencioso a cada vaca, cada cria, na forma como se as conhece e diferencia, no toque e na forma como se as chama. “Se estou em meio as vacas, pra mim é tudo” — disse uma criadora. Mas não se pode estar propriamente “no meio das vacas” quando estas estão em confinamento. Só se pode estar entre elas quando se está fora do conforto. Pelo menos, do conforto que se prega nas cartilhas da moderna zootecnia.

## Referências

- FANARO, Luisa. 2021. Arquiteturas da domesticação, arquiteturas contra a invasão: cães ferais e paisagens reconfiguradas no Cone Sul (Brasil, Chile e Argentina). *Ñanduty*, 9(13): 152–177.
- HOLZ, Leandra. 2022. A profissionalização em cooperativas como um mecanismo de poder: um estudo de caso da Coopar. *Dissertação (Mestrado em Sociologia)* — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PERROTA, Ana Paula. 2015. *Humanidade estendida: a construção dos animais como sujeitos de direito*. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) — Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PORCHER, Jocelyne. 2014. *Vivre avec les animaux: une utopie pour le XXIe siècle*. Paris: Le Découverte.
- SINGLETON, Vicky. 2010. Good farming: control or care? In: MOL, Annemarie; MOSER, Ingunn; POLS, Jeannette (eds.), *Care in practice*. Bielefeld: Transcript Verlag.

Todas as fotografias deste ensaio são de autoria de Leandra Holz, com exceção da foto de capa, cujo autor é Leisner Ivan Holz.;













